

DISCUTINDO LGBTT EM RODAS DE CONVERSA: A DIVERSIDADE NO ENSINO SUPERIOR E BÁSICO

Angélica Rodrigues Ferreira

Camila Naves Arantes

Marcelo Henrique Pereira

Universidade Federal do Triângulo Mineiro/UFTM – rodasdeconversa@proace.uftm.edu.br

Resumo

Parte das dificuldades para a permanência de alunos desde o ensino básico até o ensino superior está relacionada à acessibilidade atitudinal. O projeto “Rodas de Conversa” realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM desenvolvido por equipe da Pro-reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, propôs pensar e debater as dificuldades relativas à inclusão vivenciadas pelos integrantes do setor, professores e alunos no cotidiano da universidade bem como dos professores da Escola Estadual Alceu Novaes. Discentes, docentes e servidores na universidade e professores na escola estadual participaram dos debates que discutiram algumas questões sexuais com o apoio de vídeos ou documentários que mostraram hora a realidade vivida por seus protagonistas, hora a visão de como a sociedade lida com estas questões. Especificamente neste trabalho trataremos sobre as rodas de conversa relacionadas à sexualidade humana e suas diversas manifestações, principalmente a homossexualidade. Neste caso, o instrumento proporcionou o compartilhar de ideias, conceitos e métodos a respeito da homossexualidade. Observou-se que a propagação de informações corretas e a aproximação com a realidade das diversas manifestações sexuais são fatores importantes para a conscientização e sensibilização dos participantes, contribuindo para a efetiva eliminação de barreiras atitudinais que existem no espaço escolar.

Palavras-chave: acessibilidade, inclusão, barreiras, aprendizagem.

Introdução

Nos tempos atuais, o ingresso na educação tornou-se mais acessível, todavia, a relação entre os estudantes com diferentes orientações sexuais tem sido uma batalha constante. Nem sempre, as dificuldades ocorrem por causa do ensino, mas por problemas com a socialização e com a aceitação de que somos diferentes. Há que se reconhecer que sem recursos específicos, o aprendizado para estes alunos fica muito difícil. Nesse sentido, entende-se que;

A inclusão é uma visão, uma estrada a ser viajada, mas uma estrada sem fim, com todos os tipos de barreiras e obstáculos, alguns dos quais se encontram em nossas mentes e em nossos corações. (MITTLER, 2003. p.21)

Nos últimos anos, o movimento da educação inclusiva, que tem provocado grandes transformações no sistema educacional brasileiro, também alcançou o ensino superior. A

universidade sendo responsável pela promoção da cidadania deve oportunizar a educação para todos (CASTANHO E FREITAS, 2005). Logo o ingresso de alunos com qualquer tipo de orientação sexual no ensino superior é parte fundamental do processo de inclusão educacional.

Cabe, portanto, a universidade ampliar o seu significado de função social, permitindo assim que pessoas homossexuais deixem de ser taxados nas categorias do desvio e do atípico. Evitando-se assim que a homofobia resulte em discriminação.

O processo de construção de um espaço inclusivo na educação, em qualquer nível, não se dá por meio de uma padronização, ao contrário, a inclusão se faz a partir da experiência e do reconhecimento das diferenças (MARIAN; DIAS; SEKKEL, 2007). A SECAD, por meio do Ministério da Educação em seu documento afirma que:

A escola brasileira vem sendo chamada a contribuir de maneira mais eficaz no enfrentamento daquilo que impede ou dificulta a participação social e política e que, ao mesmo tempo, contribui para a reprodução de lógicas perversas de opressão e de incremento das desigualdades e clivagens sociais. Inúmeras iniciativas têm objetivado o combate à violência nas escolas e nas comunidades à sua volta. Verifica-se, no entanto, a ausência ou a insuficiência de esforços mais abrangentes e sistemáticos, frutos de políticas públicas melhor articuladas e de efeito duradouro, no enfrentamento da violência, do preconceito e da discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais. Também nesse caso, a escola é um espaço decisivo para contribuir na construção de padrões sociais de relacionamentos democráticos pautados pelo reconhecimento e respeito à diversidade sexual, contra a violência, por meio da desmistificação e da desconstrução de representações sociais naturalizantes, estereotipadas e restritivas concernentes a todas as minorias, dentre elas, a população LGBT (2007, p.44).

Documentos como este reforçam a grande necessidade de atenção por parte da universidade para que as pessoas sejam reconhecidas e tratadas como pessoas, independente de qualquer diferença ou opção que tenham. Desta forma a universidade deve assegurar a realização de ações eficazes, que garantam uma educação de qualidade.

Entretanto, quando se propõe estabelecer uma educação de qualidade para todos, esbarramos com as desigualdades (sociais, étnicas, raciais e de gênero) que se encontram enraizadas na sociedade brasileira, que desde sempre apresentou um panorama de exclusão e contradições estigmatizado por políticas públicas lábeis e inconsistentes (MOREIRA, 2011).

As “Rodas de Conversa – Como o mundo vê a inclusão e como podemos vê-la” proporcionam espaço para debater dificuldades de aceitação e entendimento sobre a inclusão. Nelas as próprias pessoas com as mais diversas orientações sexuais podem esclarecer as dificuldades que encontram para permanecer no ambiente educacional, expor suas experiências e sugerir mudanças estruturais e humanas.

Trazendo às Rodas de Conversa temas relacionados à inclusão no ensino superior e, mais recentemente, para os profissionais que atuam nas escolas de nível fundamental e médio, podemos enriquecer conhecimentos, reforçar o ânimo de luta por direitos e principalmente, mostrar a comunidade acadêmica a realidade, que envolve a inclusão e a relevância da socialização, para a permanência do aluno com diferentes orientações sexuais no ensino; não qualquer ensino, mas um ensino humanizado e verdadeiro.

Considerando o processo de inclusão;

[...] para garantir que as medidas de acesso e permanência na universidade sejam implementadas de acordo com a nova visão de sociedade, de educação e de cidadania em relação à diversidade humana e as diferenças individuais – todas as pessoas devem ser aceitas e valorizadas pelo que cada uma possui para construir o bem comum, aprender e ensinar, estudar e trabalhar, cumprir deveres e usufruir direitos e ser feliz. (ANDRADE, PACHECO e FARIAS, 2006, p. 4)

Neste sentido, Ferreira (2007) complementa que “falar em diversidade é falar de oportunidade, flexibilidade, adaptações e respeito às limitações, dificuldades e necessidades especiais do outro.” Então, percebe-se que a acessibilidade transcende a supressão de barreiras, pois não significa apenas possibilitar que pessoas homossexuais ou transgêneros se insiram num sistema de ensino, pois;

[...] incluir significa organizar e implementar respostas educativas que facultem a apropriação do saber, do saber fazer e da capacidade crítica e reflexiva; envolve a remoção de barreiras arquitetônicas sim, mas sobretudo das barreiras atitudinais – aquelas referentes ao “olhar” das pessoas normais e desinformadas – para que se promova a adequação do espaço psicológico que será compartilhado por pessoas muito diferentes entre si. (CARVALHO, 1999 apud FERREIRA, 2007, p.44)

Ao salientar a remoção de barreiras no contexto acadêmico podemos verificar seis dimensões de acessibilidade classificados por Sassaki. São elas; a acessibilidade arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal. O conceito de acessibilidade atitudinal nos esclarece como esta se dá;

Acessibilidade atitudinal: por meio de programas e práticas de sensibilização e de conscientização das pessoas em geral e da convivência na diversidade humana resultando em quebra de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações (SASSAKI, 2005, p.23).

Deve-se entender que a acessibilidade atitudinal desencadeia em vários fatos no âmbito educacional e social. Com esse tipo de acessibilidade permite-se o exercício da alteridade, fundamental para compreendermos o outro e nós mesmos podendo assim, podermos quebrar as intolerâncias veladas.

No ensino superior e básico o maior entrave à acessibilidade dos alunos homossexuais e transgêneros é a barreira atitudinal. Ela pode estar baseada em preconceitos explícitos ou dar origem a esses e se apresentam tanto na nossa linguagem quanto nas nossas ações quanto nas nossas omissões.

Neste contexto, cabe à instituição de ensino, independente de onde as barreiras estejam, identificá-las e enfrentá-las, não como obstáculos intransponíveis e sim como desafios aos quais nos lançamos com firmeza, com brandura e muita determinação (CARVALHO, 2006).

Objetivos Gerais

Disseminar a discussão sobre inclusão educacional, bem como os direitos e deveres dos alunos, dentro de um contexto democrático, de diálogo e participação. Estimulando assim, a comunicação do grupo e promovendo a reflexão quanto ao tema considerando a inclusão nos diferentes níveis de ensino.

Objetivos Específicos

- Fornecer subsídios para que o grupo possa refletir sobre a inclusão de alunos com diversas orientações sexuais;
- Sensibilizar os participantes quanto às necessidades de discutir o tema;
- Favorecer para que a temática inclusão se torne mais discutida no ensino e que os trabalhos desenvolvidos possam ser divulgados e/ou compartilhados pela comunidade UFTM e também à comunidade externa.
- Contribuir para que as instituições de ensino superior se tornem espaços cada vez mais democráticos e divulgadores de boas práticas quanto à acessibilidade.

Métodos

Considerando as interações cotidianas como rico material de pesquisa, um recurso metodológico começou a se delinear no estudo sobre práticas discursivas: as Rodas de Conversa. Seguindo por um caminho diverso ao proposto em entrevistas e questionários, que atrelam respostas a perguntas previamente elaboradas como num inquérito, as Rodas de Conversa priorizam discussões em torno de uma temática, de modo a tornar possível dar visibilidade às práticas relacionadas à interação cotidiana. (DI PAOLO, 2006 apud MÉLLO, 2007, p.28).

A Roda de Conversa é um recurso que possibilita o intercâmbio de informações com fluidez de discurso e de negociações diversas, entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição do tema pelo pesquisador do grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro (MÉLLO, 2007).

Na proposta das “Rodas de Conversa - Como o mundo vê a Inclusão e como podemos vê-la” desenvolvida na UFTM e na Escola Estadual Alceu Novaes algumas diferenças no ambiente escolar foram discutidas em momentos específicos com o apoio de vídeos e documentários que trouxeram hora a realidade vivida por seus protagonistas, hora a visão de como a sociedade lida com estas questões.

O título do trabalho sugeriu que, em um primeiro momento se observasse como o mundo vê a inclusão. Neste sentido, as obras reproduzidas mostraram como acontece a socialização da pessoa com qualquer diferença, seja necessidade educacional especial ou cultural e atitudinal, assim como gênero, raça, etnia. Em um segundo momento, ocorreu a interação dos participantes, que discutiram a forma que estas pessoas podem ser vistas levando em conta a igualdade de direitos e deveres, para que a inclusão seja verdadeira.

O evento integra quatro encontros que acontecem em um único mês, durante as quartas-feiras em uma escola estadual da cidade de Uberaba e às quintas-feiras no prédio da universidade, no horário das 16h e 30min. às 19h. A escola em questão possui Centro de Apoio Pedagógico a alunos com deficiência visual – CAP, além de receber alunos com várias condições educacionais e particularidades. Inicialmente acontece a apresentação do vídeo ou documentário e posteriormente a discussão sobre o tema. Os encontros são realizados em sala de aula e utilizam recursos de projeção de imagem e computador, além de espaço físico adequado para recepcionar os participantes.

Para cada encontro houve a colaboração de convidados que discorreram sobre o tema e/ou viviam preconceitos por se encaixarem em uma das siglas do LGBTT, o que possibilitou uma aproximação real das dificuldades enfrentadas para a inclusão.

Após a apresentação do vídeo, as cadeiras foram dispostas em círculo, mediador e convidados explanam sobre o tema e então aconteceu a socialização entre os participantes em forma de perguntas direcionadas aos convidados ou relatos sobre percepções e vivências pessoais.

É importante salientar que para a efetiva participação dos convidados, disponibilizam-se recursos, como, intérprete de LIBRAS, descritor para pessoas cegas, legendas nos vídeos, entre outras que se fizerem necessários.

A temática “LGBTT”, foi abordada de forma geral, para que os participantes e os palestrantes pudessem ficar livres na escolha dos diálogos e dessa forma discutir e tentar entender os diferentes problemas que levam uma criança ou adolescente ao fracasso escolar ou a desmotivação pela escola e pelos estudos. Sendo assim, as contribuições que os participantes trouxeram para a roda foram de grande valia para o entendimento deste contexto, já que muitas vezes o profissional da educação ou futuro profissional da educação, confundem os diferentes contextos que levam o aluno a ter complicações na aprendizagem.

Nos dois encontros realizados com a temática LGBTT, foi apresentado o mesmo vídeo: “Não gosto de meninos”, em que há depoimentos de pessoas contando suas experiências e como a família e os amigos lidaram com a questão da homossexualidade. Relatam, além dessa experiência, desafios e dificuldades e como são as suas relações atuais de convívio com amigos e familiares visto que já se assumiram perante estes. Mostrando uma relação mais madura, sincera e respeitosa.

Resultados

RODA DE CONVERSA: “Na UFTM”

Na universidade o encontro contou com a presença de alunos dos cursos de psicologia, do curso de serviço social e outros cursos, também fizeram-se presentes servidores e comunidade externa - em geral professores em formação. Como convidados e mediadores contamos com a participação de alunos da própria instituição, uma aluna transgênero e um aluno homossexual.

Foi discutida a relação que o próprio homossexual/transgênero tem consigo mesmo e com as pessoas que fazem parte do convívio, abordando a questão de necessidade de assumir a orientação sexual ou não e como isso se torna uma “questão” para muitas pessoas. Foram discutidas questões relacionadas à forma como são vistas as diferenças de gênero dentro na Universidade, estendendo também à vida escolar, aspectos que notamos ser semelhantes.

O preconceito e a discriminação que acontecem através de piadas, comentários pejorativos e ofensas verbais muitas vezes não são declarados abertamente e acontece

freqüentemente no ambiente acadêmico. Até mesmo através de comentários vindo de professores, que mesmo não sendo intencionais para depreciar alguém, acabam sendo preconceituosos. É observável que até dentro de sala de aula ou nas dependências da Universidade existe uma falsa idéia de aceitação e respeito, o que muitas vezes resulta em isolamento e relações desgastantes entre as pessoas.

Notamos que as consequências desses comportamentos são prejudiciais para a vida das pessoas que sofrem essas discriminações. Criam-se barreiras por parte dos dois lados, do opressor e do oprimido, gerando uma relação conflituosa e nada saudável.

As políticas e as práticas que envolvem as questões ligadas à sexualidade são temas ainda carentes de discussões não só no âmbito das universidades, mas na sociedade como um todo, a fim de atingir um maior esclarecimento da população.

Em suma, o encontro proporcionou grandes reflexões sobre o assunto e no relato final dos participantes, estes se declararam mais esclarecidos sobre o tema e ainda, demonstraram disposição a pesquisar sobre o assunto, participar de mais eventos que abordem esse tema e levar o aprendizado para o cotidiano.

RODA DE CONVERSA: “Na Escola Estadual Alceu Novaes”

O contexto da escola estadual é bastante diferente do abordado no ensino superior, visto que o enfoque é outro. Evidentemente existem muitas dúvidas sobre como lidar com as questões ligadas à sexualidade dos alunos dentro das escolas. Neste encontro contamos com uma convidada transgênero estudante da UFTM.

Os professores aproveitaram o evento para discutir os problemas vividos e saber se seus pares também compartilham das mesmas experiências. Eles participaram ativamente da discussão, que inclusive se tornou bastante calorosa, pois houve o confronto entre o que acreditam ser o certo e o cotidiano da sala de aula.

Evidenciou-se uma carência, por parte dos professores que mostraram a necessidade de expor e comparar experiências. Notou-se a urgência em reservar um momento para o diálogo, o desabafo, como se constata pela fala de um dos professores participantes “*Nós precisamos mais disso, eu saio daqui mais leve.*”

Naturalmente que apenas as discussões não transformam a escola e o sistema, mas contribuem para que o professor perceba que não está sozinho, que a realidade é a mesma para os colegas e que os resultados não dependem só dele. Entretanto sua participação é

fundamental no processo de construção da acessibilidade atitudinal, contribuindo assim para o ensino de todos os alunos independente de sua orientação sexual.

Dentro das discussões, percebeu-se uma dificuldade dos próprios professores em lidarem com essa questão por muitas vezes terem um preconceito velado. Alguns acreditam ser melhor ignorar o fato de alguns alunos transvestirem ou mostrar alguns trejeitos. Outros professores já acreditam ser melhor conversar com o aluno a fim de mostrar a ele de que ele não seria alvo de piadas caso tentasse se encaixar nos padrões.

Assim constatou-se que os professores estão carentes de discussões produtivas que tragam à tona os problemas que impedem o bom andamento das aulas e o desenvolvimento educacional dos alunos. Além disso, notou-se uma tentativa, por parte dos professores, de identificar os homossexuais na sala de aula.

Discussão

O projeto Rodas de Conversa realizado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e na Escola Estadual Alceu Novaes, desenvolvido pela equipe do setor de acessibilidade, propôs pensar e debater as diferenças e opções sexuais identificadas em sala de aula e na sociedade.

O percurso escolar tanto pode marcar o aluno como um incapaz, herança que ele vai levar para o resto da vida e que será acionada como justificativa para explicar por que ele não obteve sucesso, como pode servir como instrumento efetivo para a superação da exclusão (JUNQUEIRA, 2009, p.129).

Nesse contexto as dificuldades geradas, muitas vezes pela desinformação e despreparo da maioria das pessoas envolvidas com o ensino público (servidores, professores e estudantes), é um obstáculo na inserção dos alunos com dos estudantes com orientação sexual divergente da heteronormativa, visto que o ambiente educacional se torna desfavorável ao aprendizado e à socialização. Pois, de acordo com Weiss e Cruz (2009, p. 68);

O ambiente escolar, por sua vez, é tradicionalmente caracterizado por excluir os diferentes, aqueles que não se encaixam nos padrões rígidos do aluno ideal para quem são feitos os programas e planos de ensino. Consequentemente é de se pressupor que os alunos que tenham distúrbios funcionais de aprendizagem estejam radicalmente excluídos (2009, p.68).

Assim, considerando as diferenças individuais encontradas hoje na universidade brasileira e na educação como um todo, não só o aluno com necessidade educacional especial

ou deficiência, mas toda a diversidade de uma maneira geral, (dificuldade de aprendizado, idoso, homossexual, entre outros tantos que compõe o alunado contemporâneo), nota-se que o processo de escolarização necessita ser repensado.

Em parte, o professor precisa ser “convencido” de que a inclusão é boa. No geral, para ele, ela não é boa, ela é fonte de problemas intermináveis. É necessário estudo, paciência, debate, reflexões sobre o atual momento político e educacional brasileiro para que nós, professores, possamos perceber a riqueza da diversidade em sala de aula, sob todos os aspectos, e particularmente na questão da diversidade sexual. Se, por um lado, todos concordam acerca da beleza do aprendizado entre os diferentes, por outro, isso é muito difícil de ser conseguido, exigindo de nós grande esforço de trabalho e uma disposição para a aceitação e a superação de preconceitos que não é fácil de ser mantida (JUNQUEIRA, 2009, p.131).

É notório que a inclusão vai além de aceitar a matrícula do aluno, relacionam-se mais a como este aluno vai interagir em sala, como vai ser tratado e quanto todos no âmbito escolar estarão dispostos a aprender e doar de si para que a inclusão aconteça efetivamente.

Há alunos que não atendem as expectativas de aprendizagem educacional em todos os níveis de ensino. Por isso, lutar contra estigmas que apenas complicam a permanência e o sucesso desse estudante é essencial. Tornasse visível que não é apenas uma questão de tolerar a diferença, de ser politicamente correto, com certeza a postura dos integrantes do processo de ensino-aprendizagem vai além disso, como afirma Silva (2002) apud Junqueira (2009):

Apesar de seu impulso aparentemente generoso, a idéia de tolerância [...] implica também uma certa superioridade por parte de quem mostra “Tolerância”. [...] a noção de respeito implica um certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são vistas como fixas, como já definitivamente estabelecidas, restando apenas respeitá-las. [...] Num currículo multiculturalista crítico, a diferença, mais que tolerada ou respeitada, é colocada permanentemente em questão (SILVA, 2002: 88-89).

Estas reflexões a cerca da diversidade, o pensar e o discutir sobre a inclusão, envolvendo a comunidade na qual a instituição está inserida, possibilitam a revisão de estigmas e preconceitos e avançar rumo à sociedade capaz de aceitar as diferenças.

Conclusão

A Roda de Conversa, independente da temática utilizada, é uma metodologia socializadora, que aproxima os participantes, convidando-os a contribuir e refletir sobre os

temas. Esta ferramenta utilizada na UFTM e na Escola Estadual Alceu Novaes proporcionou o compartilhar de ideias, conceitos e métodos a respeito da homossexualidade.

A Universidade tem responsabilidade no processo de socialização e formação para a cidadania, assim todos devem ter acesso ao conhecimento. É neste contexto que a falta de informação e preconceitos a respeito dessa temática ainda são obstáculos a mudança de atitude em relação à diversidade humana.

No ambiente universitário, bem como na escola percebeu-se que a propagação de informações corretas e a aproximação com a realidade de pessoas homossexuais e transgêneros são fatores importantes para a conscientização e sensibilização dos participantes, contribuindo para a efetiva eliminação de barreiras atitudinais que existem nestes espaços.

A partir deste contato com a temática em questão o grupo organizador do evento pretende continuar a proposta e desmembrar a temática geral em próximas versões do evento. Dessa forma, tratar pontualmente os problemas que desencadeiam o fracasso escolar em seus diferentes níveis de ensino.

Referências

ALTMANN, H. **Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente.** REVISTA LATINOAMERICANA, Sexualidad, Salud y Sociedad - n.13 - abr. 2013 - pp.69-82. Campinas, Brasil.

ANDRADE, M. S. A; PACHECO, M. L; FARIAS, S. S. P. Pessoas com deficiência rumo ao processo de inclusão na Educação Superior. **Revista Digital de Pesquisa Conquer da Faculdade São Francisco de Barreiras**, v. 1, 2006.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** 5ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

CASTANHO, D. M.; FREITAS, S.N. Inclusão e prática docente no ensino superior. **Revista da Educação Especial**, Santa Maria, n. 27, p. 85-92, 2005. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2006/01.htm>> Acesso em: 18 de ago. 2012.

FERREIRA, S. L. Ingresso, permanência e competência: uma realidade possível para universitários com necessidades educacionais especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.13, n.1, p.43-60, jan./abr. 2007.

HENRIQUES, R. BRANDT, M. E. A. JUNQUEIRA, R. D. CHAMUSCA, A. (org.) **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** CADERNOS SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC) Brasília, 2007.

JUNQUEIRA, R. D. (org.) **Diversidade Sexual na Educação: Problematização sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

MARIAN, A. L.; DIAS, F.; SEKKEL, M. C. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio; **Psicologia Ciência e Profissão**, n. 27(4), p. 636-647, 2007.

MÉLLO, R. P.; *et al.* Construcionismo, Práticas Discursivas e possibilidades de pesquisas em Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.19, n. 3, p. 26-32, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010271822007000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 ago. 2012.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOREIRA, L. C. Ingresso e permanência na Universidade: alunos com deficiência em foco. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 41 p. 125-143, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S010440602011000300009&lng=en&nrm=iso&tlng=PT>

OMOTE, S. *et al.* Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. **Revista Paidéia**, n.15, v. 32, p. 387-398, 2005. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/32/07.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Revista Inclusão**. Ano 1, n.1, p. 19-23, out., 2005.

WEISS, A. M. L.; CRUZ, M. M. Compreendendo os alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. In: GLAT, R. (org.) **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. cap. 4, p. 65-78.